

Mulheres brasileiras lideram as ações de empreendedorismo no G-20

“Mulheres são o maior mistério do universo”. A frase dita recentemente pelo físico britânico Stephen Hawking, famoso por ajudar a entender a origem do universo, ilustra o tema desta reportagem. No Brasil, as mulheres vêm ocupando cargos de chefia em setores públicos e privados. Possuem nível de escolaridade superior ao dos homens, com mais de 11 anos de estudo, e são maioria da população economicamente ativa (PEA). Em ações de empreendedorismo elas também são maioria, quando comparadas com iniciativas de países como México e Austrália (veja Box). Apesar de todas as conquistas, elas ainda percebem atitudes preconceituosas pelo simples fato de estarem à frente dos negócios.

No Programa da Cadeia Produtiva de Petróleo e Gás do Sebrae/RJ, as mulheres marcam presença e engrossam a lista em participação em cursos de aprimoramento para melhor atender o setor de P&G. Neste número, temos depoimentos de algumas mulheres que contam como conseguem contornar no dia a dia o preconceito de gênero. Uma pergunta que norteou nossa enquete foi a seguinte: “Como uma empreendedora deve se posicionar em uma reunião quando percebe que pode estar havendo preconceito por parte de colaboradores e clientes?”

Formada em administração, Patrícia Nascimento Guerra, 49 anos, há 10

anos sócia da empresa Executive One (fornecedora de soluções de tecnologia para o mercado hoteleiro de eventos no Rio de Janeiro), afirma que o preconceito é manifestado já no primeiro contato antes mesmo de se marcar a reunião de negócios. “Preparo-me colocando isso como uma possibilidade. Estabeleço estratégias para não deixar a outra pessoa nem manifestar o seu preconceito ao longo da reunião. O preconceito não pode me pegar de surpresa, assim como nenhuma informação importante ao projeto”, conta Patrícia.



A diretora operacional da FAP (indústria plástica), Adriana Geraldine Barros, 40 anos, técnica em desenho industrial/auto CAD (SENAI) e em administração (SENAC), diz que apesar dos direitos conquistados pela mulher historicamente ainda há preconceito de gênero no mercado de trabalho. Como acontece em quase toda empresa de origem familiar, Adriana também passou por momentos em que sentiu na pele o peso de ser mulher e filha do dono.



Na empresa desde 1992, a empresária divide as responsabilidades de gestão com a irmã. “Durante a gestão do meu pai trabalhei na área administrativa. Nesta fase, não senti diferença, pois o diretor principal era um homem”, lembra. A reação dos colaboradores começou a mudar quando ela assumiu a parte operacional, o chão de fábrica, em 2001. “Senti que nós mulheres somos tidas como frágeis no ambiente de fábrica. Só depois de conquistar a confiança dos colaboradores e mostrar capacidade de trabalho e firmeza nas ações mudamos essa imagem”, comenta.

Em uma reunião se ela percebe o olhar atravessado de algum cliente, ela acredita que o melhor a fazer é mostrar que a capacidade profissional está acima do gênero. “Se posicionando com firmeza dentro dos conhecimentos e se, necessário, debatendo de igual para igual, mas sem perder a essência feminina, a sensibilidade e a delicadeza. “Em alguns casos, essas características mais ajudam que atrapalham”, constata Adriana. (continua no verso)

Brasil tem 10,4 milhões de empreendedoras

O Brasil registra o maior número de mulheres empreendedoras entre os países integrantes do G-20 (grupo formado pelas 20 maiores economias do mundo). Estudo da consultoria EY (antiga Ernst & Young), divulgado, em 2013, informa que o Brasil tem 10,4 milhões de mulheres empreendedoras, o que equivale 14% da população com idade economicamente ativa (de 18 a 64 anos). De acordo com o estudo, o percentual brasileiro é maior do que

o registrado em países como Argentina (12%), México (10%) África do Sul (8,5%) e Austrália (6,5%).



Perfil de mulher



Longas horas de estudo para aumentar o conhecimento técnico e muito trabalho, inclusive nos finais de semana são as ferramentas usadas por Érica de Melo, 39 anos, para contornar as situações em que observa preconceito de gênero. “No início sofri preconceito também pelo fato de ser filha do dono da empresa”, lembra a empresária, Diretora comercial da Eletromatrix Indústria Galvânica, empresa de origem familiar instalada na Zona Norte do Rio. Graduada em direito, é casada e tem uma filha. No cargo desde 2008, Érica

continuação da primeira página

Mostrar conhecimento é opção para contornar preconceito

A psicóloga Selene Barreto, 56 anos, diretora geral da Evolução Clínica & Consultoria (especializada nas áreas da saúde e segurança laboral), acredita que estudo e conhecimento sempre abriram portas. A receita de Selene para rebater qualquer tipo de preconceito é mostrar muito conhecimento. “Fui fazendo cursos de gestão no decorrer da minha vida profissional”, diz.

A psicóloga conta que sofreu e que continua combatendo o preconceito. “Por ser mulher, por ser negra e por vir de família pobre”, enumera Selene. Ela afirma que esses foram os desafios da sua vida. Já sobre a questão do posicionamento nas reuniões de negócios, ela diz que algumas vezes prefere não demonstrar quando percebe um mal estar. “Algumas vezes assumo um posicionamento de autoridade do saber. Outras vezes, luto pelos meus direitos e em algumas ocasiões eu levo o meu sócio para conseguir os objetivos”, relata.

trabalhou durante três anos em todos os setores da empresa. Isso lhe garantiu conhecimento e segurança para tomar decisões com colaboradores e clientes.

Mais Negócios – Você teve dificuldades com os seus colaboradores?

Érica de Melo - Tive de mostrar que estava ali para contribuir com o crescimento da empresa e que isso iria trazer melhorias para todos. O meu pai, hoje falecido, apostou desde o início na minha capacidade. Em 2009, entramos no Programa de Petróleo & Gás do Sebrae/RJ. A partir daí, fiz várias melhorias na empresa: comecei o processo de gestão ambiental, sistema de gestão ISO e treinamento para funcionários.

MN – O que você faz quando percebe que um cliente está reticente só pelo fato de ser você a diretora comercial?

EM – Quando vejo que o cliente não se sente à vontade comigo, o que costuma

acontecer com os mais idosos, deixo que os engenheiros da empresa o atendam, mas sempre sob minha supervisão. O importante é o cliente estar conosco. Muitas vezes também vejo nas reuniões que muitos se surpreendem com o meu nível de conhecimento do negócio.

MN – Qual o seu ritmo de trabalho?

EM – Levo trabalho para casa. Gosto de tudo que se refere ao meu trabalho. No final de semana, cuido da parte financeira da empresa, mas sempre tendo a minha filha de três anos brincando com as bonecas perto de mim. Aliás, ela já brinca fazendo de conta que precisa sair para trabalhar.

MN – Em sua opinião, existe diferença quando comparamos a gestão masculina com a feminina?

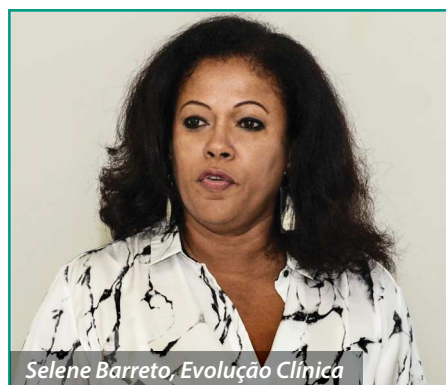
EM – A mulher empreendedora costuma ser mais determinada. Outra qualidade é o poder de superação, pois os nossos obstáculos são maiores.

Fumajet usará tecnologia exclusiva SAP

Depois de uma seleção que envolveu a participação de 500 empresas, a Fumajet (desenvolvedora de soluções tecnológicas para controle de endemias) conquistou o prêmio Endeavor/SAP. A Fumajet foi uma das cinco primeiras empresas escolhidas pela SAP Brasil para usar gratuitamente a plataforma SAP Business One, software de gestão empresarial. A análise dos candidatos considerou critérios como grau de maturidade do negócio no mercado e aplicabilidade do software SAP nas empresas. A iniciativa visa estimular o empreendedorismo.

O programa irá aprimorar o gerenciamento das informações internas da empresa oferecendo agilidade, mapeamento, integração e comunicação dos processos, relatórios analíticos, indicadores, minimizando erros de análises incorretas e de processos que não estejam sendo executados da forma correta.

Em 2013, Marcius participou do curso de FGA (Ferramenta de Gestão Avançada), realizado pelo Sebrae/RJ para atender fornecedores da cadeia de petróleo e gás. “Todos os processos internos da Fumajet foram adequados e desenvolvidos por meio do programa FGA”, conta o empresário.



Selene Barreto, Evolução Clínica

Diferentemente da maioria das entrevistadas, a engenheira química Magali Lee Cotrim, de 67 anos, diretora da Nicho Tecnologia (empresa de base tecnológica), afirma que nunca sofreu preconceito. A engenheira é máster em ciência (COPPE/UFRJ) e tem especialização em processamento de petróleo. Para a empresária, que é aposentada da Petrobras/Cenpes, o preconceito não existe se você mostra competência, conhecimento e segurança no que faz.

MAIS NEGÓCIOS

Informativo do Programa da Cadeia de Petróleo e Gás / Sebrae

Coordenação de Petróleo e Gás/RJ: Antonio Batista
Gestor Rio de Janeiro: Máira Campos

Sebrae Rio de Janeiro

Tel: 21 2221-7873
MairaCampos@rj.sebrae.com.br
Rua Santa Luzia 685 / 9º andar Centro CEP 20030-041
Rio de Janeiro RJ